

Ana Gabriela Macedo (tradução)

Universidade do Minho

Cartografias do Silêncio*

Uma conversa começa
com uma mentira. E cada falante
da chamada língua comum sente
a fina camada de gelo partir-se, o afastamento
como uma perda de poder, como que erguendo-se
contra uma força da natureza

Um poema pode começar
com uma mentira. E ser desfeito.

Uma conversa tem outras leis
carrega-se com a sua própria
falsa energia. Não pode ser
desfeita. Infiltra-se no nosso sangue. Repete-se.

Inscreve com o seu estilete irregressível
O isolamento que nega.

2.
A estação de música clássica
tocando hora após hora no apartamento

O erguer e erguer
e de novo erguer do auscultador

O articular de sílabas
o velho texto uma e outra vez

A solidão do mentiroso
vivendo na estrutura formal da mentira

* Adrienne Rich (1978), *The Dream of a Common Language (Poems 1974-77)*. New York and London: W.W. Norton and Company, Inc.

torcendo os dígitos para afogar o terror
debaixo da palavra não dita

3.

A tecnologia do silêncio

Os rituais, a etiqueta

O confundir dos termos

silêncio não ausência

de palavras ou música ou mesmo

de sons selvagens

O silêncio pode ser um plano

rigorosamente executado

o plano para uma vida

É uma presença

tem uma história uma forma

Não se deve confundir

com uma outra ausência qualquer

4.

Que calmas, que inofensivas estas palavras

Me começam a parecer

Embora geradas em mágoa e raiva

Serei capaz de atravessar este filme do abstracto

Sem me ferir a mim ou a ti

Há suficiente dor aqui

Será por isso que a estação de música clássica ou de jazz toca?

Para dar uma razão de ser à nossa dor?

5.

O silêncio completamente a nu:

Na *Passion of Joan* de Dreyer

O rosto de Falconetti, o cabelo rapado, uma fabulosa geografia

silenciosamente registada pela câmara

Se houvesse uma poesia onde isto pudesse acontecer

não com espaços em branco ou palavras

estiradas como uma pele sobre os sentidos

mas como o silêncio que cai no fim

de uma noite em que duas pessoas

falaram até ao amanhecer

6.

O grito
de uma voz ilegítima

Deixou de se ouvir a si próprio, por isso
se pergunta a si mesmo

Como posso eu existir?

Este era o silêncio que eu queria romper em ti
Eu tinha perguntas que tu não querias responder

Tinha respostas mas tu não poderias usá-las
Isto não tem sentido para ti e talvez para ninguém

7.

Era um velho tema mesmo para mim:
A língua não resolve tudo –

Escreve-o a giz nas paredes onde os poetas mortos
jazem nos seus mausoléus

Se pela vontade do poeta o poema
se pudesse transformar em coisa

Um flanco de granito a descoberto, uma cabeça erguida
brilhante de orvalho

Se simplesmente te pudesse olhar de frente
a olhos nus, sem te deixar virar a cara

até que tu, e eu que tanto desejo este momento,
finalmente ficássemos esclarecidas pelo seu olhar.

8.

Não. Deixa-me ficar com esta poeira,
Estas pálidas nuvens teimosamente espaiando-se, estas palavras

Movendo-se com feroz tenacidade
como os dedos da criança cega

ou a boca do recém-nascido
violenta de fome

Ninguém mo pode dar, sigo há muito
este método

do cereal escorrendo do saco lasso
ou da chama de gás que se tornou ténue e azul

Se de tempos a tempos invejo
as anúncias puras ao olhar

A visio beatifica

se de tempos a tempos eu sonho regressar

tal como o hierofante eleusino
segurando uma simples espiga de trigo

à eternidade do mundo concreto
aquilo que de facto continuo a escolher

são estas palavras, estes sussurros, estas conversas
de onde repetidas vezes a verdade se escapa húmida e verde.

(1975)

A leoa

O perfume da sua beleza atrai-me até junto dela.
O deserto estira-se de ponta a ponta.
Rocha. Ervas prateadas. Bebedouro.
O céu estrelado.
A leoa suspende
o seu vai e vem incessante nos três metros quadrados
e fita-me. Os seus olhos
são autênticos. Têm espelhados rios, orlas do mar, vulcões, mornos promontórios
banhados pela lua.
Sob o couro dourado dos seus quadris
corre um poder inato, quase abnegado.
O seu caminhar
está confinado. Três metros quadrados
limitam os seus passos.

Num país como este, digo, o problema está sempre em não ir demasiado longe, não em permanecer dentro dos limites. Há cavernas, rochas imensas, que não se podem explorar. Contudo sabemos que elas existem. A sua cabeça orgulhosa e vulnerável fareja-as. É o seu país, ela sabe que existem.

Aproximo-me dela à luz das estrelas.
Olho-a nos olhos
como quem ama sabe olhar,
mergulhando no espaço por detrás do seu globo ocular,
e deixando-me do lado de fora.
Assim, finalmente, através das suas pupilas,
vejo aquilo que ela vê:
entre ela e o caudal do rio,
e o vulcão envolvido pelo arco-íris,
um cativo que mede três metros quadrados.
Grades fustigadas.
A jaula.
A punição.

(1975)

